

República

Director: CARVALHÃO DUARTE Director-Adjunto: ALFREDO GUIASADO

Chefe da Redacção e Editor: ARTUR INEZ

4.ª - FEIRA

23

MAIO

2.ª SÉRIE (1956)

ANO 46.º - N.º 9132

Preço avulso \$80

Redacção, Administração e Oficinas
R. Misericórdia, 116
LISBOA
Telefones
25103 - 25106 - 25040
Propriedade da
«EDITORIAL
REPUBLICA»

Jornal fundado em 1911 pelo DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

ROCHA MARTINS | A política social francesa

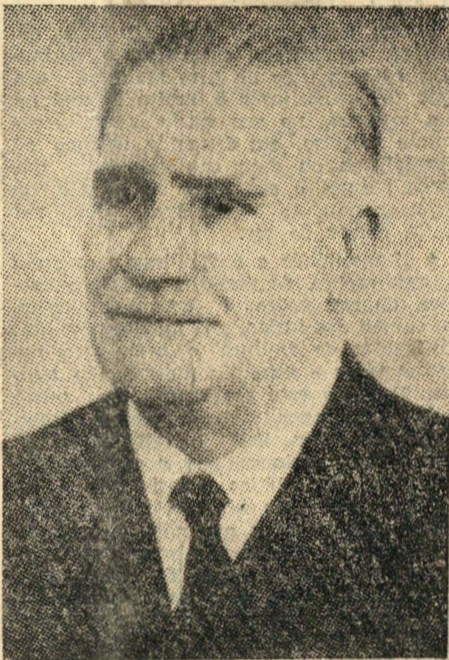
Há quatro anos, faz hoje, desapareceu do nosso convívio Rocha Martins. Foi encontrado morto, de manhã, no leito, sereno e pálido, com um livro tombado sobre o seu laço direito e a caneta entre os dedos.

Para um jornalista, como sempre o foi Rocha Martins, qualidade que nunca deixou de reivindicar com orgulho, ele, desde rapaz trabalhador dos jornais, a quem foi negada a Carteira Profissional — ler é trabalhar.

Rocha Martins, infatigável obreiro das letras, um dos mais operosos proletários do jornalismo e da literatura da nossa terra — morreu a trabalhar.

Dele ficaram obras notabilíssimas, ainda inéditas, que um dia se hão-de publicar e hão-de revelar a singular e persistente personalidade deste bravo lutador filho do Povo, lealíssimo e indefectível Soldado da Liberdade — o seu grande, o seu acrisolado amor, que nunca traiu!

Parece que ainda o estamos a ver nesta casa, em que entrava sempre com a alegria estampada no rosto franco,



Rocha Martins

acolhedor, aberto a toda a simpatia e a toda a generosidade!

Lembramo-lo hoje e lembrá-lo-emos sempre com a admiração e a ternura que se tem por um irmão mais velho. Rocha Martins, querido, inolvidável amigo!

A falta que ele fez! Todos os dias a sentimos. A todas as horas a recordamos com uma saudade infinita — Saudade, palavra que ele tanto amou como português e patriota de lei que sempre foi!

do governo da Frente Republicana persiste na defesa dos salários

e no melhoramento dos encargos de assistência apesar das dificuldades económicas gerais

PARIS, 23 — Numa exposição destinada a acompanhar o novo projecto de orçamento, o deputado socialista Francis Leenhardt, relator geral da Comissão de Finanças, escreve: «A evolução do comércio externo francês encontra-se no limiar duma passagem difícil. Por um lado, as exigências internacionais e a preocupação de manter os preços internos levam o governo a acelerar a libertação do comércio externo, e, por outro lado, os aumentos de salários concedidos em 1955 e as recentes medidas sociais permitem que a indústria francesa registre um aumento da disparidade entre os encargos de salários na França e no estrangeiro, disparidade que atinge, por exemplo, 70 por cento nas construções eléctricas. Mas é certo que a compensação dos encargos sociais franceses deve ser mantida até ao momento em que o mesmo progresso social for realizado nos outros países».

O relator insiste, por outro lado, em carácter moderado, mas persistem os altos dos preços».

A FRANÇA e a União Europeia de Pagamentos

A propósito da situação das finanças externas, escreve, nomeadamente: «Graças à expansão, a clara posição mensal da França para com a União Europeia de Pagamentos não deixou de ser favorável desde Outubro de 1954 a Setembro de 1955, seja durante um ano. A partir de Outubro, a situação modificou-se. Não restam dúvidas de que a persistência de um «deficit» importante na U. E. P. durante o ano de 1956 desferiria um sério golpe nas reservas de ouro e de divisas constituídas durante os anos de expansão de 1954 e 1955. Graças à existência dessas reservas, a situação não é, certamente, trágica, mas correria o risco de tornar-se grave, se em breve não forem adoptadas medidas de ressurgimento do comércio externo francês».

Concluindo esta parte da sua exposição, Leenhardt entende que a França «se arrisca a encontrar-se muito depressa numa situação económica difícil». Essa situação não é excepcional para países europeus que sofrem actualmente de uma dessas «crises de crescimento» que acompanham a expansão. A França «abordá-la-á em boas condições financeiras». — F. P.

Os dentes de nylon são os mais resistentes

TOQUIO, 23 — Os técnicos da escola dentária de Tóquio fabricaram dentes postiços em nylon. Estes dentes seriam mais sólidos e custariam menos dinheiro de que quaisquer outros dentes artificiais em metal ou porcelana. — F. P.

CASA-MUSEU ABEL SALAZAR

Abre no próximo domingo, das 15 às 18 horas, como habitualmente, a Casa-Museu Abel Salazar, a S. Mamede de Infesta.

Nas suas salas podem admirar-se numerosos trabalhos, como óleos, desenhos, gravuras, cobses martelados, esculturas, etc., do que foi insigne homem de ciência, escritor e artista.

A entrada, como de costume, é livre.

Maneira original

de não se iludir o custo da vida ...

RIO DE JANEIRO, 23 — Um juiz brasileiro tomou uma decisão inédita nos autos judiciais, e que os jornais consideram como sintomático das preocupações provocadas pelo aumento do custo da vida. Este magistrado deferiu um pedido de uma mãe de três filhos, separada do marido, que solicitava que este lhe pagasse a pensão em géneros alimentícios. Assim, o marido deverá pagar, mensalmente, além duma soma mínima em dinheiro, uma quantidade fixa de arroz e feijão, que são a base da alimentação popular. O juiz disse, com efeito, que era assim a única maneira de pôr as crianças ao abrigo dos riscos dum país de moeda flutuante. — F. P.

Temas económicos

Questões basilares da economia portuguesa

No seu último numero, a «Revista de Economia» insere um estudo que é, sem dúvida, um dos mais completos, objectivos e sinceros que ultimamente se têm feito sobre a nossa estrutura económica. Sintetizando as opiniões expressas nos capitulos sobre Portugal dos relatórios anuais da Organização Europeia de Cooperação Económica (O. E. C. E.) e procurando suprir certas lacunas evidentes nessa formação de características, o estudo cita traça as linhas primordiais do quadro da economia metropolitana.

Sobressai, em primeiro lugar, o rápido crescimento da população, o qual apesar das fortes correntes emigratórias para o estrangeiro e para o Ultramar, vai reforçando os excedentes da mão-de-obra agri-

por J. LUSO

coia, intensificando a situação dum sub-emprego, mais ou menos generalizado, dessa força de trabalho nacional. De facto, não só é muito elevado o coeficiente que aos trabalhadores mais cabe no conjunto dos indivíduos com profissão — quase 48% em 1950 — mas também são muito baixas as capitações do rendimento global (cerca de 190 dólares anuais em Portugal, contra mais de 450 na média da Europa ocidental) sintoma seguro de um fraco grau de emprego «efectivo» do total da mão-de-obra. Simultaneamente, uma deficien-

(Continua na 11.ª página)

VERDADES E PERSPECTIVAS DA CULTURA PORTUGUESA

A crítica e a discussão, o encontro e a emulação

são factores importantíssimos e imprescindíveis da vida intelectual — afirma-nos o escritor José Cardoso Pires

Na continuação da série de entrevistas que «República» tem vindo a efectuar, no sentido de esclarecer as directrizes e as perspectivas da nossa cultura, fomos hoje abordar José Cardoso Pires, um dos mais notáveis escritores da moderna geração. Nasceu em Peso, aldeia do distrito



Cardoso Pires

lando uma maturidade que não é vulgar numa obra de estreia. De então para cá José Cardoso Pires escreveu «Histórias de Amor», publicado na colecção das «Três Abelhas», e que plenamente confirmaram as esperanças nele depositadas. Depois fez a tradução da peça de Arthur Miller «Morte dum caixeiro viajante». Trabalha actualmente num romance, «As pegadas e o vento», e pensa ainda este ano publicar uma peça de teatro «A Maria da Fonte».

Fomos encontrá-lo precisamente nesse trabalho, entre velhos livros e histórias actuais ou já esquecidas, que o possam documentar com segurança acerca da vida de Maria Fonte, do clima e dos costumes da época em que viveu.

— Só ao domingo posso trabalhar com uma certa calma, começa José Cardoso Pires. — Fora disso, é agarrar um bocadinho aqui, outro bocadinho além — um trabalho sem continuidade nem proveito.

E está, de resto, a situação de todos os nossos escritores, salvo meia dúzia de excepções. São «escritores de domingo», que necessitam de desdobrar-se em esforços e canseiras para deitar alguma coisa cá para fora, de tempos a

(Continua na 9.ª página)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Verdades e perspectivas da cultura portuguesa

(Continuado da 1.ª página)

tempos. São homens que conservam ainda uma esperança inquebrantável nas suas possibilidades e no valor da literatura e que, só por isso, são capazes de progredir num caminho pejado de escolhos e perigos.

Começámos por perguntar-lhe quais as dificuldades maiores que tem encontrado, ao longo da sua experiência de escritor.

— Valerá a pena falar de experiência pessoal—diz-nos José Cardoso Pires, sabendo de antemão que iríamos encontrar não um caso particular, circunstância ou acontecimento individual, mas um caso típico generalizado por determinantes bem definidos? Valerá a pena? Penso que não.

Se uma experiência promovida oficialmente se afirma a um tempo na limitação da expressão e na exclusão da controvérsia, essa experiência acaba por contradizer-se na sua função nacional e, mais do que isso perde em princípio o carácter que a impõe, por não evoluir dentro dos processos típicos de todas as experiências, tão imutáveis e estáticos são os seus meios.

— Pensa então que a discussão e a controvérsia são condições fundamentais para a aquisição de uma rica experiência intelectual?

— Sem dúvida, afirma José Cardoso Pires. Sempre ouvi dizer que uma sociedade impedida de prática social, sem uso nem estímulo de responsabilidades, acaba por subsistir por mero enquistamento. E pergunto: que prática, que experiência intelectual pode desenvolver-se em tais condições, sob a anulação persistente do diálogo dos contrários?

Aqui é que parece residir o fundo da questão: no pavor do diálogo. Crítica e discussão, encontro e emulação são sectores muitas vezes de sentidos contrários e até opostos cuja resultante acaba por fortalecer e esclarecer os mais adversos ramos das forças intelectuais em jogo. Se uma parte se recusa ao diálogo, é porque, na mais abonatória das hipóteses, não sabe curar do próprio robustecimento através dos caminhos e formas novas que desse diálogo podem sugerir-se.

Sabe-se como hoje se entende o diálogo à escala do pensamento e da acção e quais as formas específicas estabelecidas para o levar à prática. Temê-lo por anárquico e apaixonante é pretender forjar «robots» à maneira de Orwell ou sonhar com cidadãos de Plutarco... E ainda desconhecer a anarquia e a paixão que reina no silêncio solitário — se é que o silêncio não é na maioria dos casos, uma voz eloquente.

— E este condicionamento teria afectado profundamente a nossa literatura?

— Ele afectou, como não podia deixar de afectar, responde-nos com gravidade José Cardoso Pires, as gerações literárias que se vieram desdobrando de Raúl Brandão para cá: Aquilino, Pascoais, Ferreira de Castro e mais tarde Castro Soromenho e Gomes Ferreira. Afectou-as gradual e lentamente. Recordando hoje o combate de Almada e dos seus companheiros modernistas, é impossível deixar de aplaudir a alguma agitação intelectual que os grupos de «Presença» e do «Orfeu» provocaram perante o muito que legaram ao nosso património cultural: Pessoa, Sa Carneiro, Régio, Gaspar Simões e mais distantes, mas usufruindo de grande parte dessa atitude Torga e Casais Monteiro.

E igualmente se sabe como, anos depois, do «Sol Nascente» ao «Diabo», de polémica em polémica, se foram revelando, impondo, até atingirem voz pessoal, os poetas que fariam o «Novo Cancioneiro» e os ensaístas e ficcionistas que representam essa expressão literária de que Redol, Feijó, Manuel da

Fonseca, Carlos de Oliveira e Cochofel são expoentes destacados.

Sabe-se tudo isto. E veja-se, como por contrastes, salta à vista a adversa circunstância da actividade intelectual na geração que se seguiu a estes. Repare-se no número de escritores aparecidos de 45 para cá: meia dúzia, se tanto. Atente-se na qualidade de folhas literárias de vida e morte repentinas que se sucederam desde então: são principalmente de moços-poetas, que ensaiam os primeiros passos, sem campo nem clima para o seu exercício. Não é isto significativo? Claro que é ainda cedo para estimar as consequências do desenvolvimento de uma juventude em tão apagada condição. Mas uma geração que assim fez a sua aprendizagem de homem e que hoje se apresenta em tarefas de primeiro plano na vida pública do país — nas artes, nas técnicas, nos negócios e na governação — uma geração assim está em permanente inibição, votada à rotina, ao risco da estreiteza ou ao embevecimento sectário. Acabará, se não se precavir, por gravitar num mundo ideal que concebeu à luz de compêndios anacrónicos e outro som não lhe chagará do que o eco da própria voz.

Penso a miudo nos homens que, como eu, se formaram neste transcurso de sombra. E pergunto a mim mesmo que tipo de experiência lhes foi concedida, que responsabilidade cívica se lhes atribuiu desde as cartilhas, dos bancos das escolas às sebanças da Universidade.

E que tivemos: uma educação dirigida, se se quiser, mas não pedagógica-mente orientada. A cultura seguiu normas inflexíveis, elaborada em circunstâncias quase sempre desligadas do todo do complexo nacional. E daí o divórcio entre o aparato dos «clerics» e a realidade do país que se não pode adaptar a eles mas que, pelo contrário, deve ser servida por eles.

— Poderá sugerir algumas soluções para resolver este estado de coisas?

José Cardoso Pires fica um momento em silêncio, o cigarro esquecido entre os dedos.

— A questão arrasta-se—responde-nos, por fim. Subsiste hoje, mais linha menos linha, da mesma forma que há anos. Temos a resolver um problema de cultura que não se compadece com exigências políticas porque uma vez enunciado em premissas realistas e fundamentadas revitaliza toda a Nação, governantes e governados.

Deixámo-lo mais tarde, entre os livros da Maria da Fonte, envolto na luz quente daquela tarde e no amor por uma função que nem as dificuldades, nem os escolhos numerosos, conseguem destruir.

Instituto Francês

A última sessão das actividades públicas ordinárias do Instituto Francês para o presente ano lectivo realiza-se hoje, pela 21.30, com a apresentação dos seguintes filmes: *Guillaume Apollinaire, L'Architecte maudit; Charles Nicoles, Ledoux, Le Grand Méliès*. E' livre a entrada.

SE ÉS REPUBLICANO E DEMOCRATA, O TEU JORNAL SÓ PODE SER «REPUBLICA».